

Esperança nas Minas da Panasqueira

ANA RIBEIRO RODRIGUES

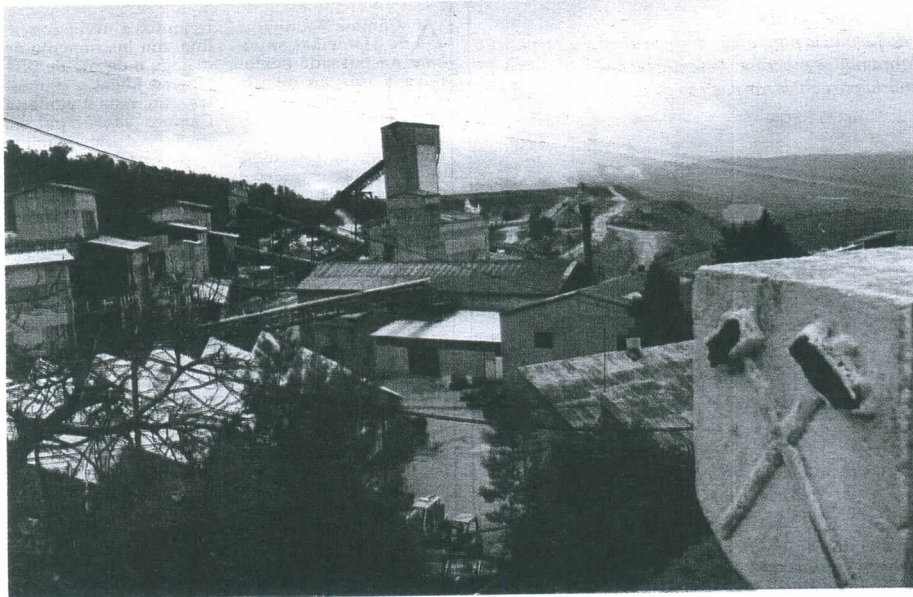
As minas foram vendidas à Almonty, que teve a concessão entre 2005 e 2008. Trabalhadores e residentes guardam boa impressão do novo proprietário e acreditam que a situação vai melhorar

Os dias chuvosos e escuros contrastam com a luz ao fundo do túnel que representa para os trabalhadores e residentes da Barroca Grande a venda das Minas da Panasqueira à Almonty, multinacional canadiana do ramo que na passada quarta-feira, 6, confirmou a aquisição da posição dos japoneses da Sojitz. De acordo com um comunicado do novo proprietário, em troca de um euro e o compromisso de assumir o passivo de 12 milhões 260 mil euros.

Esperança é uma palavra que se ouve, amiúde, por estes dias no couro mineiro. Lewis Black, o actual proprietário, foi quem vendeu com lucro avultado a Beral Tin & Wolfram, em 2008, à Sojitz e nos três anos em que foi dono das Minas da Panasqueira deixou boa impressão nas gentes locais, que esperam agora viver com maior tranquilidade, sem o risco iminente da paragem da produção.

"Enquanto este foi patrão disto, isto foi empresa", afirma, categórico, Horácio Lima, de 44 anos, satisfeito por ver alguém que em sua opinião entende do negócio assumir o controlo da empresa. "Antes nunca cá faltava material, não faltavam condições. Era um indivíduo que quando aí vinha vestia o fato-macaco e ia lá abaixo à exploração perguntar o que precisávamos", conta o antigo mineiro, que por motivos de saúde deixou a actividade, mas se mostra satisfeito com os ventos de mudança porque "a mina governa aqui muita família" e no último ano o movimento deixou de ser o mesmo na terra.

Na passada sexta-feira, dois dias depois de anunciada a transacção, ainda ninguém tinha conhecimento oficial da venda.



|| No último ano, cerca de cem pessoas ficaram sem trabalho nas Minas da Panasqueira ||

Nem o Ministério da Economia, nem o Sindicato Mineiro, nem os trabalhadores, nem os moradores, nem os trabalhadores. "Ainda não vimos nenhum comunicado. Não temos notícia de nada", comentava, no café, um mineiro. Mas na terça e quarta-feira anteriores o novo proprietário, na companhia de Corrêa de Sá, o administrador executivo, visitava as instalações e a notícia espalhou-se de imediato.

"Uma boa notícia"

Na Barroca Grande, o sentimento de que a venda à Almonty "é uma boa notícia" é generalizado. No Café Machado, como em todos os outros, o assunto é tema de conversa. Carlos, o proprietário, notava o receio das pessoas de que a produção parasse e a situação na terra, onde diz que já se notava uma grande retracção no consumo, se agravasse. "A venda é uma nova esperança. É isso que se vai dizendo. As pessoas não têm má

opinião deste patrão, porque foi o que mais condições deu", frisa Carlos Machado, esperançoso de que "a mina melhore, porque se a mina melhorar, os negócios à volta também melhoram". Até porque, realça, "fora da mina não há emprego".

José Cachaço, que em 1986 deixou a empresa, notava "as pessoas desanimadas". "Este patrão deixou boas indicações nas pessoas. É conhecido como o homem das minas e vinha cá muitas vezes. Acho que as coisas vão melhorar. Penso que será bom, principalmente para a camada mais nova", acredita.

Luís Silva, de 27 anos, regozija-se com a venda. "Se calhar vai dar um pouco mais de andamento à terra. Se calhar". Mas a expectativa é contida. O ex-mineiro viu grande parte da sua geração emigrar, para trabalhar "nos túneis, nas obras, nas eólicas", e entende que um salário de 600, ou "700 euros no máximo",

para um emprego que implica riscos e apanhar muito fumo dos rebentamentos e das máquinas não é atractivo para os jovens, que preferem outros empregos se houver alternativa. Ainda assim, a vitalidade das Minas da Panasqueira é importante, porque "muita gente depende disto".

Sentado no Café Central, Fernando Amâncio, 30 anos de trabalho nas entranhas da terra e 53 de vida, agora aposentado, fala no desalento que notou ao longo do último ano. "Quem é que não desanima quando anda a pensar que no outro dia pode não ter trabalho?", questiona, a deixar notar a resposta evidente. As mudanças deste início de ano dão alguma confiança. "Foi dos patrões que deixaram cá melhor impressão. Dava o aumento que tinha a dar", sublinha, à espera de tempos melhores para a comunidade mineira.

"As pessoas andavam desconfiadas com a incerteza"

Ao lado, Augusto Batista, 51 anos, também antigo trabalhador na mina, diz que a informação da venda deixou as pessoas "mais desconfiadas" e "mais descançadas". "Há tanta falta de emprego. Nós nas redondezas o que temos aqui? Nada!", constata. Rentabilizar a mina, considera, será cada vez mais complicado. As jazidas do volfrâmio não são as mesmas de outros tempos, com fatura. "O que há é o que ficou para trás há uns anos, no tempo da exploração gananciosa, e um pouco que vão encontrando", descreve, explicando o porquê de os custos serem actualmente mais elevados. "Isto é capaz de não durar muito mais", vaticina Augusto. Em Março último a administração queixava-se de que aos valores baixos da cotação do volfrâmio, se juntava o decréscimo do teor do mi-

nério extraído, "por força das condições geológicas da exploração".

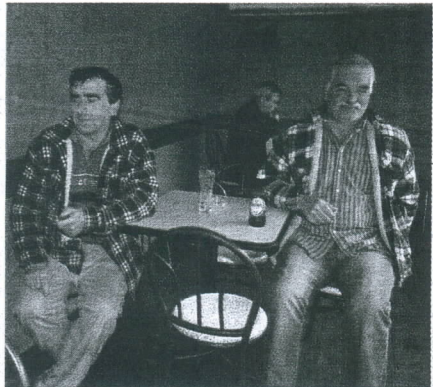
Por outro lado, Augusto nota que a Almonty conhece bem as Minas da Panasqueira e se decidiu investir, é porque pretende rentabilizar o negócio e tem noção do que pretende fazer. "Ele para vir pegar nisto novamente, devem ter prospeção de alguma coisa", calcula. No estabelecimento há quem faça a análise de que se a cotação do tungsténio no mercado mundial tem baixo tanto, pode ter interferência do novo proprietário, dono de outras minas, que poderá ter feito com que os preços baixassem para comprar barato e agora saiba como fazer subir o valor.

Bernardo Gouveia, 55 anos, boina basca na cabeça, foi um dos cerca de cem trabalhadores que ficaram sem trabalho. Saiu da mina em Setembro, quando acabou o contrato, e viu gente de todo o lado ir embora. "As pessoas andavam desconfiadas com a incerteza", acentua. Agora espera que, pelo menos quem está no desemprego, volte a ser chamado. Não será o seu caso. "São 33 anos lá dentro. Já chega", garante.

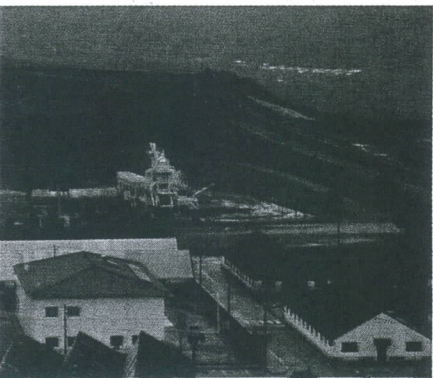
Ao balcão do café e da mercearia Paula Maças, nascida e criada na Barroca Grande, já assistiu a muitas crises na mina. Inclusive à de 1993, quando fechou e a levou para fora da terra durante oito anos. Por estes dias diz que "toda a gente tem dito bem da venda". "Se o novo patrão fizer o mesmo que da outra vez, se vier com ideias boas, como da outra vez, é bom sinal", vinca. Quem emigrou, gente jovem e de meia-idade, não acredita que regresse. Mas espera que a revitalização económica das Minas da Panasqueira recupere alguma dinâmica que se perdeu na terra e pelo menos mais gente não parta. "Vamos ver", diz.



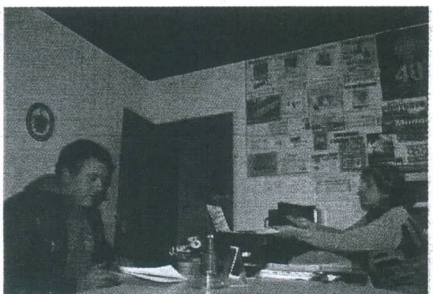
|| Na Barroca Grande espera-se que com o novo patrão a situação melhore ||



|| "Foi dos patrões que deixaram cá melhor impressão", diz Fernando Amâncio, sobre Lewis Black



|| Mina emprega actualmente 244 pessoas ||



|| Sindicato aguarda pelas "ideias" que a Almonty vai trazer ||

Intenção é aumentar a produção, mas sem garantias

António Corrêa de Sá, administrador executivo das Minas da Panasqueira, onde já tinha trabalhado anteriormente, diz que o plano para a empresa está a ser preparado e se está a trabalhar no que vai ser feito. Reduzir trabalhadores não está no horizonte. A intenção é aumentar a produção, mas para já não dá qualquer garantia, reforçando ser "uma intenção".

"Os trabalhadores podem esperar uma vontade de ter a empresa rentável e aumentar os postos de trabalho. Mas as coisas não se fazem de um dia para o outro. Os mercados levam tempo a reagir", disse, em declarações ao NC.

A anterior administração informou em Março do ano passado estar a vender os contentores com prejuízo, por o preço pago pelo tungsténio estar em queda acentuada há vários meses e ponderava suspender a produção, que já havia sido reduzida, se a cotação não subisse. Alfredo Franco dizia que para manter a actividade da mina o valor do volfrâmio teria de estar acima dos 350 dólares, mas o anterior presidente do conselho de administração da Sojitz Beralit Tin & Wolfram informa que a cotação continuou a baixar, até atingir os 170 dólares no final do ano. "Desde há cerca de um mês que se encontra estabilizada em valores muito próximos deste valor, ou seja, de 175 dólares", adiantou, ao NC.

Segundo o engenheiro deixaram de trabalhar nas Minas da Panasqueira, durante 2015, "cerca de cem pessoas que não tiveram os contratos renovados ou, sendo reformados, saíram dos quadros da empresa". O contrato de venda à Almonty, que tem minas de tungsténio em Espanha, Austrália e Coreia do Sul, foi assinado a 30 de Dezembro e o processo foi concluído no dia 5.

Questionado sobre como a nova administração tenciona contrariar a crise, Corrêa de Sá responde que "o mercado é cíclico". "Acredito que há-de melhorar nos próximos tempos", confia.

"Esta aquisição suporta o nosso objectivo de nos tornarmos o maior produtor mundial de concentrado de tungsténio fora da China, com bens localizados em jurisdições seguras, amigáveis da exploração mineira, e que acrescentam reservas significativas aos nossos recursos, bem como aprofundam o nosso conhecimento no sector, com equipas de topo na área mineira e metalúrgica", disse Lewis Black no comunicado onde informou sobre a aquisição da sua "bem conhecida" mina, para justificar as razões da compra.

Sindicado diz que é "um alívio" para os trabalhadores

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira ainda não tinha sido informado da venda, mas adiantava que, "a confirmar-se, é bom". "É melhor termos um novo patrão que um que queira fechar", disse Luís Paulo Mendes, ao NC.

"Para nós, trabalhadores, é um alívio. Agora vamos ver que ideias traz o novo proprietário. Ele tem empresas de extração de volfrâmio, esteve cá três anos e tínhamo-lo como bom, diz o delegado sindical nas Minas da Panasqueira, que espera não se voltar a falar em despedimentos e espera que os direitos dos trabalhadores sejam salvaguardados.

Câmara da Covilhã espera que venda resulte em maior investimento e modernização

O negócio ainda não tinha sido comunicado, no final da semana passada, ao Ministério da Economia (ME). "O ME tem conhecimento da operação, mas não foi ainda formalmente comunicada até ao momento", informou, ao NC, o assessor de imprensa, que explica ser necessário o novo proprietário prestar informação sobre as licenças de exploração.

Fonte da tutela revelou ao NC que terão sido dadas garantia de que os postos de trabalho estavam salvaguardados e eventualmente seriam criados novos.

A Câmara da Covilhã manifestou a sua satisfação pela solução encontrada, pela importância que as Minas da Panasqueira têm na economia local e regional. "Espero que esta mudança se traduza num maior investimento e modernização da mina", disse o presidente, Vítor Pereira, à Lusa.

Paulo Fernandes, autarca fundanense, declara tratar-se de "uma excelente notícia", lembrou que quando por ali passou antes a Almonty conseguiu uma "ótima recuperação da empresa" e mostrou-se confiante de que o novo proprietário vá realizar "uma aposta estratégica de médio/longo prazo" para ultrapassar a actual complexa situação.

Junta diz que minas podia ter fechado dia 4

"É uma lufada de ar fresco para as Minas. Existe optimismo", comenta Joana Campos, a presidente da Junta de Freguesia de Aldeia de São Francisco de Assis, que tinha a informação, transmitida pela antiga administração, que "se o negócio não se concretizasse as minas já não iam laborar no dia 4 de Janeiro", no regresso dos trabalhadores de férias, um dado que ninguém transmitiu ao sindicato. "Estava tudo preparado para fechar no dia 4", revela.

A autarca adianta ter sido informada que a lavaria, actualmente a funcionar com apenas um turno, vai passar a três.

Joana Campos espera que com a nova administração que abram horizontes para novos projectos, como a exploração turística ou a reutilização das gravilhas, de forma a criar mais postos de trabalho.